

Docência e cinema: a sala de aula como espaço de pesquisa(ção)

Mariete TaschettoUberti[1]
CTISM/UFSM

Resumo: O presente trabalho relata sobreas proposições e inquietudes que instigaram o desenvolvimento do projeto de cinema, que está sendo realizado junto aos estudantes do Ensino Fundamental de uma escola do Estado do Rio Grande do Sul (RS) e do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, onde propus, a partir de conversas sobre os interesses e conhecimentos que os estudantes traziam para as aulas de artes, sessões fílmicas que possibilitassem análises sobre o que eles veem e como analisam o que os filmes trazem subtendido ao seu conteúdo. Para este texto, proponho uma análise sobre o que impulsionou o desenvolvimento do projeto e como exemplo os temas abordados já na primeira sessão, com o filme "Poder do ritmo", que deu início a pesquisa e aos diálogos com os estudantes.

Palavras Chaves: Cinema; diálogo; docência.

A escrita deste texto parte de minhas experiências e pesquisas enquanto docente de uma escola pública do Estado do RS, na cidade de Santa Maria, a qual versa sobre um projeto que desenvolvo junto com alunos dos oitavos e nonos anos do Ensino Fundamental, no qual estamos trabalhando com imagens cinematográficas que nos possibilitem propor diálogos a partir das subjetividades de cada participante. O início do projeto se deu no primeiro semestre de 2015, quando fazia parte do grupo de pesquisa Artes Visuais e suas I/Mediações (AVI)[2], na UFSM[3].

[1] Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria, na linha de pesquisa Arte e Cultura (2014); Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Cidade de São Paulo (2012); Graduada em Artes Visuais - Licenciatura em Desenho e Plástica, pela Universidade Federal de Santa Maria (2010). Foi professora do Município de Agudo-RS, entre os anos de 2011 a 2015, onde atuou como professora de artes dos 6º anos ao 9º anos do Ensino Fundamental. Atua como Professora de Artes na Rede Estadual de Educação do RS, desde 2014, na disciplina de artes com turmas de 7 º ano do Ensino Fundamental ao 2º ano do Ensino Médio. Professora Substituta do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria - UFSM (CTISM) (2016), onde ministra a disciplina de artes com turmas de 1º ano dos Cursos Integrados com o Ensino Médio e PROEJA. Integrada ao CTISM, também, atua na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo - UFSM (UEIIA) como atelierista. Coordena o projeto: "Cinema no Ensino Fundamental", que está sendo desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco em Santa Maria-RS (2015-2016), onde atua como docente; e do projeto: "O cinema como propositor devires com alunos do Ensino Médio", que está sendo desenvolvido no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, com alunos dos Cursos Integrados com o Ensino Médio, no ano corrente.

[2] Coordenado pelo professor Dr. Lutiere Dalla Valle, no qual participei durante o ano de 2014 e início de 2015

[3] No segundo semestre deste ano foi expandido ao Colégio Técnico Industrial de Santa Maria.

Nesse período atendia na escola onze turmas, sendo cinco do Ensino Fundamental, com as quais minhas inquietações estavam direcionadas a pensar temáticas que tivessem sentido para mim e para os estudantes. Mas a cada proposta de diálogo, havia divisões entre as turmas que não me permitiam definir um foco/direcionamento as atividades. Foi então, que propus, sessões de cinema nas aulas que possibilitassem diálogos sobre os filmes e que estes pudessem partir de sugestões dos estudantes. Proposta que para foi aceita e na qual os alunos se envolveram.

Paralelamente as atividades de cinema na escola me dispus a escrever um projeto e fazer leituras que dessem suporte para desenvolver as atividades na escola. O qual tem como objetivo analisar como se constituem os olhares dos jovens para as películas fílmicas e de que modo elas influenciam na maneira de ser desses adolescentes e como eles observam esses condicionamentos.

Para este texto, trago uma escrita que busca dar conta do que me mobilizou a desenvolver o projeto, seus encontros e desencontros a partir do que o projeto propunha, trazendo como exemplo os temas que foram abordados com o filme que deu início a nossas sessões “Poder do ritmo”.

Desde o princípio do projeto oportunizei rodas de conversas com os estudantes, para entender e conhecer seus interesses e a bagagem cultural que trazem consigo. Para, daí sugerir descobertas, investigações que “mobilizassem afecções” entre nós, professora/pesquisadora, estudantes e conhecimentos. Para analisar de que maneira elas podem constituírem-se a partir de um *eu/nós* em trânsito que sugerisse deslocamentos, (dês)encontros, ultrapassando os pré-conceitos postos/impostos nos contextos sociais e escolar, no processo de formação e na constituição do sujeito por meio do cinema e das artes. Seja, por um enlace entre educação e sujeito, que se dá pela interação, pelo sentido, como discorre Kastrup “uma deriva, criada a partir dos acoplamentos com as forças do mundo” (2005, p. 1275). Ao propor ideias (trans)formadoras, que oportunizem desconstruções, inquietudes, buscas, retornos, que instiguem *devires* “momentos de de subjetivação” (Idem, p. 1276), como princípio para a reflexão e interação entre

sujeitos, partindo para invenção de si e com o social, propondo outras formas de conhecimento e autoconhecimento.

A docência nas relações discorridas se configura no ser e se fazer professora, em um processo de inacabamento, de constante pesquisa pelo conhecimento, não um saber informativo, mas, aquele de que Larrosa (2002) trata como “sabedoria”, que gera experiência que nos toca, nos movimenta. Que resulta da sensibilidade, do pensar a educação na interação entre sujeitos que se (trans)formam no conjunto, no qual ambos necessitam ser tocados e mobilizados pelas relações estudante/professor.

Ao intermediar um entrelaçamento entre vida e cinematografia, ponderei que os filmes a serem trabalhados deveriam oportunizar e instigar a ir além do simples olhar para a tela, propor reflexões, ao mesmo tempo que nos provocasse, nos colocasse em lugar de desconforto, ao mediar algo que nem sempre é desejado, instigar elos entre virtual e real, e propor um perceber-se em um lugar condicionado, que pode ser reconfigurado a um condicionante ativo, que produz escolhas e visões, que não as desejadas pelo, mas através dos filmes (ELLSWORTH, 2001). Ou seria mais, ir além, suscitar curiosidades, buscar, inquietudes entre o que a película mostra e o que a realidade propõe ou é. Instigar nos estudantes a curiosidade, o interesse para pensar o filme como um dispositivo a partir de si, de seus modos de ver e analisar o que lhes é proposto, para pensar outras possibilidades através do cinema (DALLA VALLE, 2015). E não simplesmente, direcionar o olhar dos estudantes a partir de meu próprio olhar, minhas significações, mas como trata Hernández,

> O que aparece como distintivo é que a aprendizagem e o ensino são realizados por meio de uma trajetória que nunca é fixa, mas que serve de fio condutor para a atuaçãodo docente em relação aos alunos. Tê-lo presente serve de auxílio, de ponto de referências sobre o que significa um projeto em relação ao diálogo e à negociação comos alunos, à atitude interpretativa do docente, aos critérios para a seleção dos temas à importância do trabalho com diferentes fontes de informação, à relevância da avaliação como atitude de reconstrução e transferência do aprendido, etc. (2000, p. 182).

Possibilitar ao estudante a curiosidade, produzir relações, buscas, construir conhecimentos, possibilidades, inquietudes, olhares que vão além dos propostos

pelo filme ou mesmo pelo professor, mas que possam reverberar em trocas, resultados e novas buscas, questões, respostas, que instiguem outras possibilidades, brechas, ligações, ou rizomas, entre imagem, realidade, curiosidade, inquietudes, conhecimentos que gerem outros conhecimentos e questões. Ao analisar essas conjeturas a partir das leituras realizadas no grupo de pesquisa e nas possibilidades de trabalho, nas questões, das quais me coloco como sujeito em interação com o filme selecionado, me vejo, mais uma vez como propositora de ideias, de olhares, que são meus, que me levam a uma questão, que para mim é mais relevante que a análise do filme: como propor análises do filme que não sejam condicionadas por mim, mas que suscitem um olhar crítico por parte dos estudantes?

Nesse contexto se deu a escolha do filme “Poder do Ritmo”, que relata a história de um jovem podre dos EUA denominado DJ Williams, representado por Columbus Short que diferente de seus colegas ricos, precisava trabalhar para se manter na faculdade. A escolha do filme foi definida pelas proposições e contextualizações que ele proporcionaria com os estudantes. Proposta, que foi sendo organizada a partir dos encontros e estudos realizados no grupo AVI. Pois, como foi possível observar, já na sinopse do filme, algumas questões puderam ser apontadas, as quais, estão diretamente ligadas há questões políticas, sociais, de etnia e de gênero. Como também, que me levaram a refletir sobre os direcionamentos propostos aos expectadores, por quem produziu o filme. A partir do que tratam Ellsworth (2001) e Valle (2014), que argumentam que, na cinematografia nada é inocente, mas realizado a partir de pressupostos que influenciam interesses, podem persuadir um público alvo, ao mesmo tempo em que esse público também é selecionado pelos promotores do cinema. Que no caso do filme analisado, são jovens adolescentes entre 12 a 20 anos de idade, que estão em fase de descoberta e de afirmação pessoal. Essas formas de ver e se propor ser visto, fazem parte de contextos, de condicionamentos, em cujo filme “Poder do ritmo” podemos observar através de uma forte conotação ao olhar sobre o sujeito, aos estereótipos de jovens

"sarados", inseridos no que é determinado pela mídia e pela sociedade como "corpos perfeitos".

São premissas que me levam a pensar e propor questões sobre a prática do ver e analisar o cinema na educação como propositor de um olhar reflexivo sobre si, a partir de um eu invisível que se enquadra a desejos e visões de mundo, que se fazem presentes na película de um filme, ou mais precisamente do filme. Questões que vão além da imagem, que estão sobrepostas a ideias, formas de ver, imperceptíveis ao olhar do adolescente que vê, sem ter aprendido a olhar para além das imagens, mas simplesmente como um receptor passivo e persuadido a normas e regras que lhe são impostas, aceitas e incorporadas sem questionamentos. Reflexões estas, que, podem ser contrárias aos próprios interesses desses jovens, que se veem nos filmes, como aquilo que desejariam para si.

Pois, não posso deixar de considerar que a película em questão, retrata uma realidade que insinua um ideal de perfeição, em que um jovem negro norte-americano, dançarino de rua, após perder seu irmão em uma briga, entre grupos rivais, tem a chance de mudar de vida e ir estudar em uma escola para "negros da elite". O filme é um exemplo claro da representação de estereótipos, preconceito e discriminação entrelaçados a um enredo, que ao destacar imagem de belos jovens dançarinos, tornam as temáticas "invisíveis" a um olhar superficial em relação ao tema central, que são os jovens e sua dança.

Referente aos estereótipos, estes, como já foram mencionados, estão presente nos corpos e maneira de se portar, onde os valores são condicionados pelo dinheiro e pelos objetivos primordiais que são a participação e vitória no tradicional campeonato nacional de *stepping.* Aprofundando um pouco mais o tema, pode se pensar em algumas questões sociais que dizem respeito à imagem do negro representado no filme e a real situação dos jovens negros norte-americanos e brasileiros.

O filme traz ao enredo representações que nos condicionam olhares sobre a perfeição da realidade, onde as dificuldades são secundárias, mas necessárias para se alcançar a vitória, pois sem ela, não teria sentido.

Tanto os encontros com os estudantes, as conversas durante o transcorrer das propostas de encontros com a cinematografia, já a partir do primeiro filme, me fazem pensar como esses (des)encontros nos propuseram a pensar e propor discussões que mexeram com o grupo, os quais, nos[4] colocam em constante movimento, produzindo e nos conduzindo a novos questionamentos, linhas de pensamentos, tagenciamentos que resultam em inquietudes do/no *eu* pesquisador. Essas inquietudes podem ser possíveis se nos propusermos a esses agenciamentos, a encontros e afecções, em processos contínuos de formação, informação e transformação no coletivo (IBAÑEZ, 2001).

Métodos que só puderam ser traçados após um mapeamento dos direcionamentos que se objetivava pesquisa/estudo nos espaços educativos com os estudantes, uma vez que a educação não deve ser controlada pelos interesses e necessidades do professor. Mas, sim, este tem a função de instigar a alteridade e a busca pelo conhecimento.

Referências

ELLSWORTH, Elizabet Silva, Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. TOMAZ, Tadeu (org.). *Nunca fomos humanos:* nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica: 2001, p. 07-76.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressões e mudanças na educação:* os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IBAÑEZ, T. *Municiones para disidentes.* Realidade-Verdad-Política. Barcelona: Gedisa, 2001.

KASTRUP, V. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir mestre. Revista: Educ. Soc. Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, set./dez. 2005. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br. Acesso em 20 de maio de 2014.

LARROSA, J. B. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência.* Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 02 de abril de 2015.

[4] Em alguns momentos o eu/pesquisadora e em outros o eu com o grupo.

VALLE, Lutiere Dalla. Aprendendo a ser docente através de filmes: possíveis trânsitos entre cinema e educação. In: Raimundo Martins; Irene Tourinho. (Org.). *Pedagogias Culturais*.Santa Maria: Editora Universidade Federal de Santa Maria, 2014, v. 5, p. 141-164.

FILME: *O Poder do ritmo*. Direção: Sylvain White. Produtora: Rainforest Films. 2007; 1h 49min. Nome original: Stomp The Yard.